



**EXPERIÊNCIA NO ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA:
POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA EEM MARIA MARINA SOARES,
GUARACIABA DO NORTE – CE**

**EXPERIENCE IN REMOTE GEOGRAPHY TEACHING:
POSSIBILITIES AND CHALLENGES IN MARIA MARINA SOARES
HIGH SCHOOL, GUARACIABA DO NORTE – CE**

**EXPERIENCIA EN ENSEÑANZA REMOTA DE GEOGRAFÍA:
POSIBILIDADES Y DESAFÍOS EN EEM MARIA MARINA SOARES,
GUARACIABA DO NORTE – CE**

Carlos Jorge Teixeira¹Virgínia Célia Cavalcante de Holanda²

Recebido: 26/04/2021

Aceito: 15/07/2021

RESUMO

O presente trabalho é um estudo acerca do ensino de Geografia no contexto da pandemia do novo coronavírus, visto que a educação foi impelida a passar por uma inesperada mudança estrutural. O presente estudo trata-se de um relato da experiência de virtualização do ensino presencial, uma realidade adotada emergencialmente no campo de estudo eleito para esta pesquisa, a Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares, localizada no município de Guaraciaba do Norte, e pertencente à rede estadual cearense de educação. Deste modo, o objetivo é compreender os principais desafios, mas também as possibilidades de ensinar e aprender Geografia na instituição escolar supracitada, diante da necessidade de um ensino remoto/virtual. O processo metodológico consistiu em revisão bibliográfica de temáticas pertinentes à pesquisa, levantamento dos recursos didáticos/digitais usados no percurso das aulas remotas, e entrevista com educadores e estudantes acerca de suas percepções sobre a experiência no ensino remoto. Assim, apreende-se que a experiência de ensino remoto verificada na EEM Maria Marina Soares insere os docentes de Geografia em um momento de adaptação não somente ao uso de tecnologias e uma nova rotina pedagógica, mas também no que se refere à seleção de conteúdos, materiais, metodologias e processos avaliativos, além da reflexão sobre seu papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem e do próprio papel

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e especialista em Ensino de Geografia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). E-mail: carlosjorgefox@gmail.com.

² Professora Associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú. (UVA), Bolsista Produtividade em Pesquisa (BPI/FUNCAP). E-mail: virginiaholland@hotmail.com.

da ciência geográfica diante da emergência de um agente que trouxe consigo mudanças expressivas ao trabalho docente: as tecnologias digitais.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Estudo Remoto. Metodologias. Desafios. Possibilidades.

ABSTRACT

The present work is a study about the Geography teaching in the scene of the pandemic of the new Coronavirus, since education was compelled to go through an unexpected structural change. It is a report of the experience of virtualization of face-to-face teaching, a reality adopted urgently in the field of study chosen for this research, the Maria Marina Soares High School, located in the municipality of Guaraciaba do Norte, and belonging to the Ceara State education network. This way, the objective is to understand the main challenges, but also the possibilities of teaching and learning Geography at the school institution above-mentioned, given the need for remote / virtual teaching. The methodological process consisted of a bibliographic review of topics relevant to research, survey of didactic / digital resources used in the course of remote classes, and an interview with educators and students about their perceptions about the experience in remote teaching. This way, it is learned that the remote teaching experience verified at Maria Marina Soares High School inserts Geography teachers in a moment of adaptation not only to the use of technologies and a new pedagogical routine, but also with regard to content selection, materials, methodologies and evaluation processes, beyond the reflecting on their role as mediators of the teaching-learning process and the very role of geographic science in the face of the emergence of an agent that brought himself expressive changes to teaching work: digital technologies.

Keywords: Geography teaching. Remote Study. Methodologies. Challenges. Possibilities.

RESUMEN

El presente trabajo es un estudio sobre la enseñanza de la Geografía en el contexto de pandemia del nuevo coronavirus, ya que la educación se vio impulsada a sufrir un inesperado cambio estructural. Este es un relato de la experiencia de virtualización de la docencia presencial, una realidad adoptada con urgencia en el campo de estudio elegido para esta investigación, la escuela Maria Marina Soares, ubicada en el municipio de Guaraciaba do Norte, y perteneciente a la red de educación estatal. Así, el objetivo es comprender los principales desafíos, pero también las posibilidades de enseñar y aprender Geografía en la mencionada institución escolar, dada la necesidad de una enseñanza remota / virtual. El proceso metodológico consistió en una revisión bibliográfica de temas relevantes para la investigación, relevamiento de los recursos didácticos / digitales utilizados en el curso de las clases remotas y una entrevista a educadores y estudiantes sobre sus percepciones sobre la experiencia en la enseñanza a distancia. Así, se conoce que la experiencia de enseñanza a distancia verificada en EEM Maria Marina Soares inserta a los docentes de Geografía en un momento de adaptación no solo al uso de tecnologías y una nueva rutina pedagógica, sino también cuanto a la selección de contenidos, materiales, metodologías y procesos de evaluación, además de reflexionar sobre su papel como mediadores del proceso de enseñanza-aprendizaje y el propio papel de la ciencia geográfica ante el surgimiento de un agente que trajo cambios expresivos al labor docente: las tecnologías digitales.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía. Estudio remoto. Metodologías. Desafíos. Possibilidades.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre as mudanças verificadas no espaço escolar, e de modo específico no ensino de Geografia, com o advento da pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2). A disseminação de uma nova doença infecciosa e pouco conhecida pela comunidade científica trouxe transformações inesperadas para diferentes formas de manifestação da vida em sociedade, o que significa que também a educação, em diferentes lugares do mundo, tornou-se cenário para as transformações concernentes a este contexto, que já é um marco do século XXI.

É evidente que a educação, enquanto instrumento da vida política e social de um povo, não é estática, tendo em vista que ela é produto das mudanças que se operam com a evolução da sociedade da qual faz parte. Dentre as diversas mudanças que são propostas para a educação, está o engajamento pelo contínuo avanço da democratização do acesso ao ensino público de qualidade, tão necessário em uma sociedade que, enquanto plural, também se faz contraditória, notadamente a sociedade brasileira. Todavia, a pandemia de Covid-19 escancara o lado excludente da educação, principalmente, quando de maneira não planejada, passa pela experimentação de um novo modelo de educação que não contempla a todos os seus sujeitos em seus diferentes contextos sociais, além de potencializar alguns problemas não superados do modelo anterior.

Esta experimentação diz respeito a uma reestruturação do sistema de ensino diante do contexto pandêmico, em que o ensino presencial foi temporariamente e por tempo indeterminado substituído pelo ensino remoto/virtual, perfazendo assim uma aceleração do uso das tecnologias na educação, que há tempos vem sendo debatida e pouco a pouco empregada nas escolas públicas brasileiras. Deste modo, emerge a questão norteadora deste estudo: o ensino de Geografia, de alguma maneira, passa a ser ressignificado com o advento do ensino remoto/virtual?

Assim, de antemão, este escrito de caráter descritivo-explicativo nos revela que a virtualização do ensino escolar, em especial, o da disciplina de Geografia, implica em mudanças estruturais do processo de ensino-aprendizagem, na formação continuada de professores, e da necessidade de reflexão acerca do papel do ensino de Geografia diante das novas tecnologias e da instantaneidade da informação no mundo globalizado que se impõe na vida contemporânea.

Para avançarmos em direção a um melhor entendimento da problematização ora apresentada, destacamos o objetivo geral: compreender quais os desafios postos ao ensino de Geografia no contexto do ensino remoto, experimentado com o período pandêmico. Além disso, busca-se identificar e analisar as condições de acesso ao ensino escolar remoto e suas

implicações na vida escolar, refletindo sobre o aprender e ensinar Geografia diante da exigência deste modelo de ensino.

Assim, emerge uma inquietação quanto à compreensão das reais possibilidades de se ensinar Geografia no contexto em que a sala de aula deixa de ser o palco da prática docente e dar lugar aos computadores, celulares e *softwares*. É um breve esforço teórico e empírico de se compreender qualitativamente como o campo de estudo deste trabalho, a Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares, instituição pertencente à rede estadual de educação do Ceará, se adaptou ao ensino remoto.

Para avançarmos em direção aos objetivos e discussões pertinentes a este trabalho, há os procedimentos metodológicos que contemplaram: revisão bibliográfica de algumas temáticas ligadas a esta pesquisa, tais como ensino de Geografia e tecnologias digitais/educacionais; levantamento e análise dos recursos didáticos/metodológicos empregados no modelo de ensino virtual; e entrevista com alguns sujeitos da comunidade escolar para a apreensão de suas percepções acerca do desenvolvimento das aulas de Geografia a partir da adoção do modelo de ensino remoto.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA: NOVOS CAMINHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A disciplina de Geografia é um componente curricular presente no ensino fundamental e nas três séries do ensino médio na educação brasileira. Sua importância consiste em permitir que o aluno desenvolva as capacidades de observar, analisar, descrever e compreender o espaço geográfico que o cerca e desenvolva a cidadania e criticidade diante de um mundo que se apresenta dialético, complexo, contraditório e em constante transformação. Straforini (2004) completa nosso raciocínio ao dizer que:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2004, p. 51).

Contudo, do papel fundamental inerente à Geografia escolar (na teoria) até a sua prática de fato, o que se observa é a pouca importância dada ao ensino de Geografia, facilmente observável na reduzida carga horária semanal destinada à disciplina, quando não, a redução de seu papel para disciplina optativa nos itinerários formativos, conforme proposto pela mais

recente Reforma do Ensino Médio³. Schäffer e Kaercher (2008, p. 152), acerca do lugar da Geografia no currículo escolar alegam que “a consequência é uma aprendizagem pouco significativa, quando não desprestigiada ou rejeitada”.

Na obra clássica de Lacoste (2012) fica evidente que a visão criada acerca da Geografia como uma disciplina simplória e enfadonha tem suas bases na própria maneira como costumava ser trabalhada até as últimas décadas do século XX:

Todo mundo acredita que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção “desinteressada” da cultura dita geral [...] Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...”. De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias (LACOSTE, 2012, p. 21).

Nos escritos do geógrafo francês, reside uma argumentação que nos leva para além da compreensão da função política e militar da Geografia, enquanto cerne de sua obra: ela trata da “descrição metodológica dos espaços” (Lacoste, p. 23) característica outrora inerente à disciplina, o que, por conseguinte, nos coloca diante da crise da chamada Geografia Tradicional, conforme destacado por Moraes (1998a):

A crise da Geografia Tradicional, e o movimento de renovação a ela associado, começaram a se manifestar já em meados da década de cinquenta e se desenvolveram aceleradamente nos anos posteriores [...] A partir de 1970, a Geografia Tradicional está definitivamente enterrada; suas manifestações, dessa data em diante, vão soar como sobrevivências, resquícios de um passado já superado. Instala-se, de forma sólida, um tempo de críticas e de propostas no âmbito dessa disciplina (MORAES, 1998, p. 93-94)

Com a Geografia Tradicional, o saber geográfico era tipicamente descritivo, meramente informativo e descompromissado com a realidade, conforme apontado por Andrade (1978), porém, a superação desta maneira de encarar a Geografia e sua sistematização veio com a Geografia Crítica, “por isso, a Geografia na atualidade estimula a reflexão [...] Buscam-se novos caminhos, questionam-se velhas concepções, tentam-se novas fórmulas” (idem, 1998a, p. 127).

A Geografia e seu ensino no âmbito escolar possuem o estigma de “disciplina decoreba” e “desinteressante”. Cavalcanti (2005, p. 130) aponta duas explicações principais que justificam o pouco interesse destinado à Geografia escolar: “em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-

³ **Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm Acesso em: 20 dez. de 2020.

se as dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados”. Deste modo, é possível fazer com que o aluno compreenda que a Geografia escolar não é um montante de saberes sem importância ou aplicação, pois ela é a ciência que se dedica ao estudo e à compreensão das relações entre sociedade e natureza, tendo o imperativo de analisar o espaço geográfico (re)produzido cotidianamente e o papel dos sujeitos no seio destas relações, e entre estes sujeitos está o aluno.

A produção do conhecimento geográfico precisa estar a serviço da compreensão das problemáticas que circundam o papel social deste ser. A compreensão desta função, assumida pela Geografia após os inúmeros (e caros) debates e publicação de obras acerca da ressignificação desta ciência, vem sendo incorporada pelos cursos de licenciatura, ou seja, de formação de professores para a educação básica, em que os currículos dos cursos de graduação passam a contemplar a formação docente em uma perspectiva crítica diante do mundo globalizado.

É no mundo globalizado, envolto ao meio técnico-científico-informacional, descrito por Santos (2003) que emergem os avanços integrados das tecnologias e das ciências, que por conseguinte, estão cada vez mais presentes na escola, e é claro, nas aulas de Geografia com a instantaneidade da informação. Todavia, a velocidade com que o uso dos recursos digitais/tecnológicos chegaram à escola (principalmente a pública) foi alterada com o advento da pandemia de Covid-19.

Com isso, a experimentação de uma prática pedagógica que vinha incluindo paulatinamente a tecnologia no processo de ensino-aprendizagem deu lugar a um ensino remoto e virtual “improvisado”. Improvisado, pois, além de ter suscitado uma reestruturação não planejada do sistema de ensino público brasileiro, elucidou as lacunas deixadas por uma formação continuada que pouco contemplava o já anunciado avanço das tecnologias em direção à sala de aula e ao papel da ciência geográfica. Os desdobramentos deste contexto serão descritos nos tópicos seguintes.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EEM MARIA MARINA SOARES E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Breve apresentação e caracterização do campo de estudo

Nosso campo de estudo, a Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares, fundada em 12 de novembro de 1953, sendo a escola mais antiga do município de Guaraciaba do Norte⁴. Tem como instituição mantenedora a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, pertencendo à 5ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 5). De acordo com PPP (2020) em sua origem era denominada Escolas Reunidas⁵, em 1999 passou a se chamar Escola de Ensino Fundamental e Médio Guaraciaba do Norte, recebendo em 2010 o nome atual, em homenagem a uma educadora guaraciabense, que por 15 anos esteve à frente da direção da instituição.

Sua estrutura física (Figura 1) está disposta em uma área construída de 1764 m², conta com 8 salas de aula, sendo 6 delas climatizadas, centro de multimeios, laboratórios de ciências e informática, salas para planejamento, professores, coordenação, secretaria e direção, além de quadra poliesportiva, banheiros, cozinha, e espaço de convivência. Entre professores, núcleo gestor e demais colaboradores, a escola conta com cerca de 40 funcionários, entre efetivos, temporários e terceirizados.

Figura 1 - Entrada da EEM Maria Marina Soares



Fonte: foto do autor (2020).

⁴ Guaraciaba do Norte está localizada na mesorregião Noroeste cearense e na região administrativa da Serra da Ibiapaba. Fundada em 1791, possui população estimada em 37.775 habitantes, segundo o Censo do IBGE de 2010. Está distante 257 km da capital estadual, Fortaleza. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Guaraciaba_do_Norte_2017.pdf Acesso em: 17 out. 2020.

⁵ A escola recebeu este nome pois, a princípio, reunia no mesmo espaço classes de escolas municipais e estaduais que se juntaram no ato da construção do prédio, apenas com o ensino primário.

Em 2020, a matrícula inicial foi de 732 alunos⁶ oriundos da sede e demais áreas urbanas e rurais do município, distribuídos por 19 turmas, em três turnos de funcionamento. A EEM Maria Marina Soares oferece o ensino médio regular, além de disciplinas optativas, laboratórios e concursos de redação, simulados e aulões de revisão para o vestibular e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além da promoção de atividades artísticas, culturais e esportivas com a comunidade escolar.

É uma das três escolas estaduais de Guaraciaba do Norte, e vem tendo destaque por seus avanços nos resultados de aprendizagem obtidos em avaliações externas, como o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) e no crescimento do Índice de Educação Básica (IDEB), além de conquistas importantes no que se refere aos indicadores acadêmicos: abandono escolar (0,6%), reprovação (2,2%) e aprovação (97,2%)⁷.

A inserção da EEM Maria Marina Soares na virtualização do ensino

Em março de 2020, a habitual rotina pedagógica da instituição passou por uma inesperada interrupção, em virtude de emergência da recomendação de isolamento social pela Organização Mundial da Saúde (OMS). As aulas presenciais foram temporariamente suspensas⁸ e deram lugar a uma paulatina adoção e adaptação a um processo denominado Estudos Domiciliares, que consistiu na realização de aulas *on-line*⁹ e envio de materiais (provas, atividades, roteiros de estudo) a partir da adesão da rede estadual de educação cearense ao *G Suite for Education*¹⁰, o que exigiu dos professores novas habilidades, principalmente no manuseio de ferramentas de informática, quando muitos destes não passaram por um processo de formação inicial e continuada para esta finalidade, o que nos permite concordar com a reflexão feita por Souza e Schneider (2016):

⁶ Dados obtidos do Projeto Político Pedagógico da escola.

⁷ Dados de 2019, obtidos do Projeto Político e Pedagógico da escola.

⁸ As atividades educacionais presenciais em escolas, universidades e faculdades da rede pública do estado do Ceará foram suspensas mediante decreto N° 33.510, de 16 de março de 2020, com posteriores prorrogações no decorrer do ano.

⁹ O ensino remoto por meios digitais foi autorizado, a princípio, até o final do ano letivo de 2020 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), através da emenda da medida provisória N° 934, de 1° de abril de 2020, para fins de enfrentamento de situação de emergência de saúde pública. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 22 set. 2020.

¹⁰ É uma plataforma educacional da empresa estadunidense *Google* que oferece serviços como *Classroom*, *Meet*, *Gmail*, *Jamboard*, dentre outros, e que integra professores e alunos em um espaço virtual.

Não se pode exigir mudança no perfil dos profissionais de educação que saem das academias quando a formação que lhes é oferecida ainda ocorre sob moldes tradicionais; é preciso formá-los da mesma maneira que se espera que venham a atuar futuramente (SOUZA e SCHNEIDER, 2016, p. 3).

Todavia, podemos afirmar que o uso de tecnologias digitais já vinha sendo empregado na EEM Maria Marina Soares, em diversas disciplinas do currículo escolar tanto pela existência, na unidade de ensino, de um laboratório de informática, quanto pelo fato de o corpo docente vir incorporando em suas práticas cotidianas o uso de projetores de imagens e vídeos, além da incorporação de pesquisas na *internet* e outras ferramentas que envolvem tecnologias digitais como práticas avaliativas, por exemplo. É importante ressaltar que antes mesmo do surgimento de uma situação atípica que exigisse a adoção de diferentes mecanismos para a manutenção da prática pedagógica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já orientava e discorria sobre as finalidades do uso de tecnologias digitais no âmbito escolar:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

Com a experiência do ensino remoto, a interação diária da sala de aula foi substituída por aulas virtuais. O aluno passou a se conectar ao professor e aos conteúdos por meio da tela do celular, estando cada um destes sujeitos em suas residências. A partir deste contexto, coube ao professor traçar novas estratégias de ensino e avaliação para os sujeitos que, por ora, passaram a se encontrar do outro lado da tela. Todavia, os desafios – e as possibilidades - de um modelo de ensino que surge de maneira inesperada, foram diversos.

A escola e os desafios de se ensinar remotamente

Os desafios para qualquer escola pública brasileira, seja ela de zona rural ou urbana são diversos, e vão desde a luta por uma remuneração justa dos professores, passando por problemas de infraestrutura, falta de merenda até o sucateamento do transporte escolar. Porém, estes desafios já existentes, no contexto de um ensino remoto e virtual, passaram a dividir o debate com as diversas questões inerentes a este modelo de ensino e as incertezas advindas dele.

Um dos primeiros desafios da EEM Maria Marina Soares, mas também de outras instituições da rede estadual cearense de educação, foi a garantia de acesso às aulas virtuais (*web* conferências) e rotina de estudos para os alunos, dentro da realidade de cada um. Com Palfrey e Gasser (2011) compreendemos que os alunos que estão vivenciando a experiência de

aulas remotas virtuais se enquadram, pelo menos em tese, como “nativos digitais”, ou seja, são aqueles que nasceram praticamente junto com a *internet* e acompanham o rápido desenvolvimento da rede mundial de computadores.

Se partirmos desta premissa colocada pelos autores, o que se esperava é que estes sujeitos, por serem contemporâneos do avanço das tecnologias digitais, apresentassem maior familiaridade e capacidade de apropriação destas modernas ferramentas de comunicação – e de aprendizagem - o que despontaria como um aspecto positivo diante da substituição temporária da sala de aula em seus moldes tradicionais. No entanto, esta familiaridade, por si só, não foi garantia de rápida adaptação por todos os sujeitos envolvidos no processo e tampouco, de aprendizagem satisfatória. É válido ressaltar que houve um estranhamento inicial em se vivenciar esta experiência, não apenas por parte dos discentes, mas também pelos docentes, que tiveram que aprender a manuseá-las para a manutenção de suas jornadas de trabalho. Além disso, é sabido que a inclusão digital é acompanhada de um lado oposto e revelador de desigualdades sociais: a exclusão e/ou analfabetismo digital, o que para Moran (2009) implicar saber que:

Ter acesso contínuo ao digital é um novo direito de cidadania plena. Os não conectados perdem uma dimensão cidadã fundamental para sua inserção no mundo profissional, nos serviços, na interação com os demais (MORAN, 2009, p. 9).

Na EEM Maria Marina Soares, cerca de 20%¹¹ dos alunos matriculados no ano de 2020 não acompanhavam as aulas *on-line*, tendo em vista que não possuíam *smartphone*, *tablet* ou computador, conexão por meio de *internet* fixa ou mesmo condições financeiras de contratar um pacote de dados de telefonia móvel, sendo que em alguns casos, o local de moradia do aluno sequer dispõe deste tipo de cobertura. Para que este perfil de aluno não permanecesse desassistido pela escola, a estratégia, a princípio, adotada consistiu na elaboração de provas e atividades assíncronas pelos professores, posteriormente impressas e entregues no domicílio dos alunos pelo núcleo gestor (direção e coordenação) enquanto medida que, para além de garantir o aprendizado, pudesse diminuir a evasão escolar, ou pelo menos, mantê-la sob controle, em processo de contínua busca ativa do estudante em iminente risco de abandono escolar, processo que foi impulsionado a partir do momento em que se ampliou a ruptura do contato presencial aluno-escola.

Outro desafio que se apresentou à escola durante a experiência de ensino remoto/virtual, iniciada no ano letivo de 2020, consistiu em manter o aluno motivado, curioso e

¹¹ Dados apresentados pelo Núcleo Gestor da escola, referentes ao mês de junho de 2020.

consciente da necessidade da adoção do ambiente virtual para a garantia do ensino-aprendizagem e cumprimento do ano letivo em um contexto pandêmico e de isolamento social. Todavia, os desdobramentos deste contexto acabavam por diversas vezes interferindo na desenvoltura e desempenho escolar dos estudantes, principalmente por causa do aumento dos relatos de ansiedade, além de incertezas diante do futuro, cansaço devido à permanência por um longo período de tempo diante de uma tela de celular para acompanhar as aulas *on-line*, além da dispersão. Outro problema de ordem doméstica, com rebatimentos no desempenho escolar, era o fato de que em diversas famílias havia um único dispositivo eletrônico para ser usado por mais de um estudante.

Durante as aulas *on-line* também não foram raros os relatos de estudantes acerca da saudade da escola, da merenda, dos momentos de convívio com os colegas de classe e interação com os professores, sendo que na ausência destas interações o desânimo se sobressaiu e foi percebido no transcurso das aulas ao vivo, pois, por via de regra, foram poucos os que interagiram no *chat* das salas de aula virtuais, ligavam microfones ou câmeras, deixando no docente uma sensação de solidão, e às vezes, de aparente insucesso pedagógico, o que levou os professores a refletirem continuamente sobre suas práticas e estratégias neste novo contexto.

Apesar disso, pode-se perceber, através de alguns relatos, que o ambiente virtual foi vantajoso para alunos costumadamente introvertidos nas aulas presenciais. Para professores e estudantes há em comum os desafios operacionais que vão surgindo no dia a dia, tais como problemas de conexão com a *internet* e queda de energia elétrica que culminavam na interrupção das aulas *on-line*. Para a escola, o desafio de mostrar que o distanciamento com seu público foi apenas físico e que o trabalho não parou, por isso a reverberação do termo “não são férias”.

A Geografia escolar e os desafios de se ensinar remotamente

No que se refere ao ensino de Geografia, as limitações se fizeram presentes, a princípio, sob dois aspectos: primeiro, com a diminuição do número de aulas semanais de Geografia, foi adotado o modelo de uma única aula semanal de 60 minutos, segundo as novas diretrizes trazidas pelo modelo de ensino remoto, que além de alterações no total de hora/aula contemplou a readequação do plano de ensino com a recomendação de supressão de determinados conteúdos, a fim de ressaltar que o contexto exigia uma proposta de flexibilização dos conteúdos e do trabalho docente.

Um segundo desafio posto ao ensino de Geografia refere-se à seleção de metodologias e de materiais didáticos. Na prática, houve um distanciamento do objeto de estudo da Geografia quando o professor se encontrou privado de realizar, por exemplo, trabalho de campo com os alunos para a melhor compreensão de determinados conteúdos que promovem a ruptura com a monotonia da sala de aula. A necessidade e importância do trabalho em campo para o ensino escolar de Geografia é corroborada com a fala de Falcão Sobrinho e Costa Falcão (2008) ao mencionarem que:

O trabalho de campo revela um bom instrumento que, além de despertar a atenção dos alunos, pode alcançar um bom resultado. É uma atividade que contribui para estreitar a relação dos alunos entre si e com os professores [...] é comum perceber nos alunos comportamentos espontâneos e ações que não condizem com suas atitudes quando em sala de aula (FALCÃO SOBRINHO e COSTA FACÃO, 2008, p. 59)

O professor também viu-se diante de limitações quando houve o impedimento de apresentar amostras dos tipos de rochas nas aulas de geologia, amostras de solos para as aulas de pedologia; de demonstrar a utilização e aplicação de equipamentos analógicos, tais como mapas, bússolas, globo terrestre, equipamentos meteorológicos, dentre outros elementos passíveis de inserção nas aulas de cartografia e geografia física; ou ainda, de promover atividades interdisciplinares feitas, por exemplo, em laboratório de ciências ou em outros espaços. São exemplos de escolhas metodológicas que, no âmbito das aulas presenciais, facilitariam a transposição didática, fato reafirmado por uma estudante¹² de terceiro ano, em relato acerca de suas percepções sobre o ensino remoto de Geografia:

O estudo de forma remota tem mostrado mais desafios a serem enfrentados do que vantagens a serem exploradas. Em várias disciplinas é possível perceber essa problemática e na disciplina de Geografia não é diferente. A Geografia é uma área que necessita de muita prática e contato, principalmente nos assuntos abordados no 1º ano do ensino médio, os quais trabalham a Geografia física em todos os seus aspectos, como por exemplo: relevo, solo, hidrografia, clima. Portanto, o contato com amostras, aulas de campo e acompanhamento mais direto do professor torna-se imprescindível. Entretanto, na modalidade virtual isso não é possível, tornando a Geografia algo teórico e muito abstrato, prejudicando o aprendizado desses discentes que estão adaptando-se ao ensino médio. Não é novidade que os jovens são muito visuais, logo, trabalhar a Geografia em sala de aula se torna mais atrativo e o ensino-aprendizado mais prazeroso e dinâmico. Além disso, até mesmo para nós alunos de 2º e 3º anos, que estudam a Geografia humana, a falta de interatividade com alunos e professor prejudica o aprendizado, haja vista que assuntos que contém em si temas relacionados às questões sociais rendem ótimos debates em sala, podendo ser feitos júris simulados e outras atividades, que se tornam mais lúdicas e interessantes fora da esfera virtual. (D. A. L. Entrevista concedida em 5 de março de 2021, através do *WhatsApp*).

O livro didático continuou como principal fonte de orientação do aluno, mas passou a atuar junto com os arquivos do tipo Formato Portátil de Documento (PDF), e a *internet*,

¹² Optamos pelo anonimato das entrevistadas que tiveram seus relatos aqui apresentados.

enquanto elemento sedutor e presente no dia a dia de parte dos estudantes, urge como principal fonte de pesquisa e consulta. Quanto ao papel do professor, a tecnologia inegavelmente não o substituiu, mas designou-lhe novas funções, principalmente quando se tornou, para além da definição de sujeito que conhece e ensina um objeto a ser conhecido, um necessário mediador entre aluno e o vasto conhecimento disponível na *internet*, facilmente acessível para aquela parcela de alunos com condições de acesso. O corpo docente da escola, em específico os de Geografia, foi parte fundamental desta experiência, e um dos relatos evidenciam estes desafios:

Uma das principais dificuldades encontradas nessa nova modalidade de ensino, foi de um dia para o outro ter que substituir a sala de aula presencial pelo ensino a distância através da tela de computador, e não foi fácil. Tivemos que aprender a manusear todas essas ferramentas tecnológicas, mas com ajuda dos colegas e núcleo gestor conseguimos superar todos os desafios. O trabalho aumentou demais, não sabíamos mais o dia do feriado, não há havia final de semana, a carga horária chegava a ser exausta, pois ficávamos o dia todo recebendo mensagens de alunos, preparando material para tornar as aulas mais atrativas. Às vezes, parecia que nossos computadores e celulares não conseguiriam suportar. Muitos de nós não tínhamos local adequado em nossas casas, mas conseguimos transformá-las em sala de aula virtual. Ainda existem aqueles alunos que não conseguem acessar as plataformas e não interagem na aula virtual. Mas apesar de tudo isso acredito que a tecnologia nos aproxima por meio das telas, promovendo afeto, vínculos e abraços virtuais. São tempos difíceis, mas foi preciso passar uma mensagem de tranquilidade para nossos alunos e conscientizá-los sobre a importância do conhecimento para o futuro deles. Tudo isso servirá de oportunidade para repensar as práticas no mundo educacional, precisando se ajustar às novas tendências, um dos desafios é sair do comodismo, que a correria do dia a dia nos coloca, e garantir o aprendizado sem perder o lado humano. Amo o que faço e para manter a saúde mental acendo a esperança de que tudo vai ficar bem (F. M. S. C, entrevista concedida pelo *WhatsApp*, em 3 de março de 2021).

Além disso, há de se mencionar outro desafio, porém, não menos importante: como avaliar um estudante em um contexto em que práticas como seminários, trabalhos em equipe, elaboração de maquetes e outras possibilidades de atividades em grupos estão impossibilitadas pelo isolamento social e estudos domiciliares? É por isso que a experiência de ensino remoto também exigiu do professor de Geografia a ação de constantemente replanejar as estratégias de ensino e repensar o processo avaliativo, pesquisar novas maneiras de elaborar e disponibilizar suas provas, tendo em vista que a adaptação ao modelo remoto/virtual foi progressivamente apresentando novas possibilidades de experimentação didática, metodológica e avaliativa.

A Geografia escolar e as possibilidades de se ensinar remotamente

Nas aulas remotas de Geografia as possibilidades de aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) também denominadas de tecnologias digitais, surge como suporte ao trabalho docente. Stürmer (2011) considera que:

O ensino de geografia sempre enfrentou dificuldades no que se refere ao estudo do espaço geográfico, seja pela carência de dados estatísticos confiáveis e atualizados, seja pelas dificuldades em termos de produtos cartográficos (cartas, mapas, globos) e de sensoriamento remoto (fotografias aéreas, imagens orbitais). Parte dessas dificuldades pode ser minimizada com o auxílio das TIC. Para algumas atividades de ensino elas são indispensáveis, por exemplo, em exercícios de localização de focos de queimadas na Amazônia, consulta de dados meteorológicos em tempo real ou o monitoramento do processo de urbanização brasileira (STÜRMER, 2011, p. 7).

Enquanto há, por um lado, a limitação de se realizar uma aula de campo, o professor pode potencializar, por outro, a aprendizagem de cartografia com o uso do aplicativo de mapas tridimensionais *Google Earth*, além de indicar pesquisas em sites como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE) a fim de instigar no aluno a curiosidade, e a partir dela a capacidade de explorar e manusear dados qualitativos e quantitativos, e deles fazer reflexões. Assim, o professor passou a dispor de uma alternativa diante da ausência de determinadas atividades que poderiam ocorrer somente com a prática educativa presencial. Outras ferramentas de pesquisa e interação que passaram a ser utilizadas no percurso de aulas remotas/virtuais foram o Relógio da População Mundial¹³, Mapa dos Fusos Horários¹⁴, Mapa de Disputas Territoriais¹⁵, além de ferramentas interativas como *Mentimeter*¹⁶, de gamificação, como *Wordwall*¹⁷ e para apresentações, como o *Prezi*¹⁸. Assim, ao mesmo tempo em que o professor amplia suas possibilidades metodológicas, compreende que:

A internet é um mundo de palavras, de símbolos, de imagens, de recursos de análise e de síntese, como a própria Geografia. Na internet estão disponíveis as mais variadas formas de linguagem do mundo moderno, instrumentos para a compreensão de nossa realidade, em sua espacialidade e temporalidade (PONTUSCHKA, 1998; RAMOS, 2003, *apud* SCHÄFFER e KAERCHER, 2008, p. 160).

Do ponto de vista da rotina pedagógica da escola, a já mencionada adesão ao *G Suite for Education* possibilitou a realização de aulas virtuais em tempo real com a utilização do serviço de comunicação por vídeo *Google Meet* (fig. 2) em horários de aula previamente estabelecidos pela escola e que os alunos acessaram através de um *e-mail* institucional criado pela Secretaria de Educação do Ceará para permitir o acesso à referida plataforma. Através desta ferramenta, os alunos puderam interagir com os professores de Geografia e das demais

¹³ Site que mostra a evolução, em tempo real, de diversos dados demográficos (estatísticos) de todos os países do mundo.

¹⁴ Site que mostra a hora real em todo o planeta.

¹⁵ Site que localiza e descreve todos os conflitos armados e disputas territoriais em andamento no mundo.

¹⁶ É utilizado para a realização de enquetes em tempo real, criação de nuvem de palavras, etc.

¹⁷ Utilizado para a criação e aplicação de jogos educativos *on-line*.

¹⁸ É uma ferramenta *on-line* para a criação de apresentações animadas e interativas pelos professores.

disciplinas, fazendo comentários e questionamentos pertinentes aos conteúdos estudados remotamente.

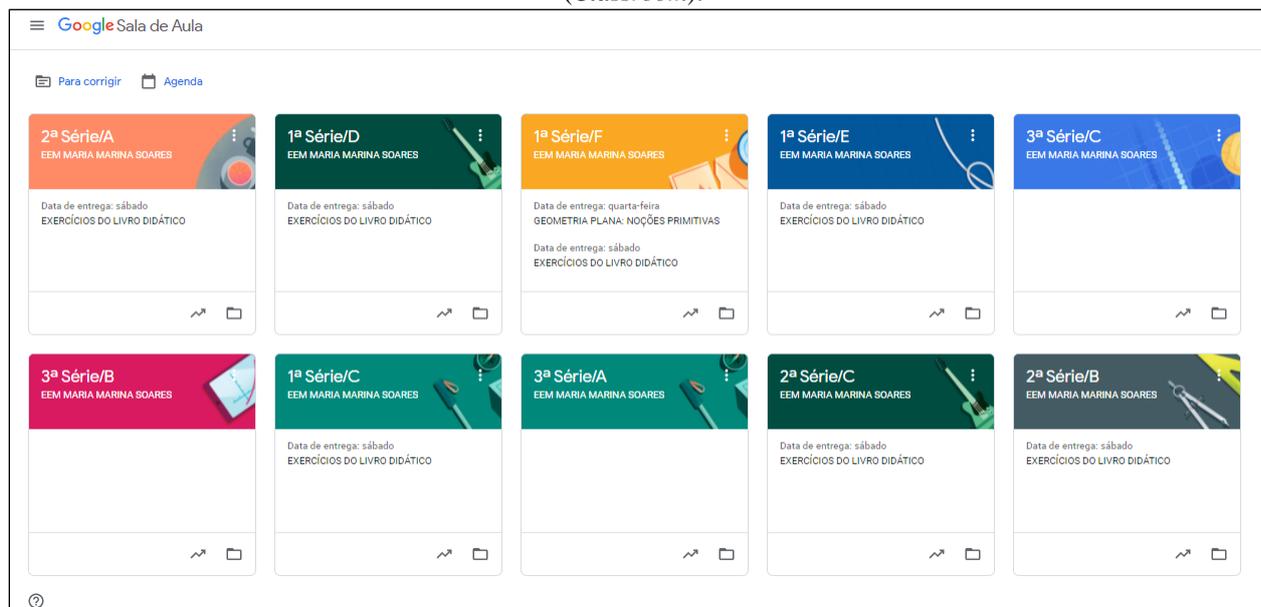
Figura 2 - Aulas virtuais pelo *Google Meet*, com a apresentação de *slides* no compartilhamento de tela.



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Os processos avaliativos também ganham novos contornos com a utilização do simulador de sala de aula *Classroom* (Fig. 3). Nele, os alunos que possuíam dispositivos conectados à *internet* dispunham de um espaço virtual que organiza a distribuição de atividades e avaliações domiciliares, além de permitir um meio alternativo de comunicação de professores e com colegas de sala.

Figura 3 - Ambiente virtual da EEM Maria Marina Soares, com parte das turmas no *Google Sala de Aula (Classroom)*.



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

As provas foram desenvolvidas por meio do *Google Forms*, um dos produtos do já mencionado *G Suite*. Trata-se de um serviço *on-line* para a criação de formulários, nele os professores de Geografia puderam enviar suas avaliações com questões de múltipla escolha e/ou discursivas, além de receber fotografias de atividades e dar devolutivas sobre elas. A escola também pode se apropriar da referida ferramenta na realização de pesquisas para conhecer as condições de acesso dos estudantes no ensino remoto, e assim criar estratégias de intervenção de acordo com os resultados obtidos.

Castrogiovanni (2013), ao tratar do avanço tecnológico aplicado à comunicação, no que chamou de “revolução” das possibilidades de comunicação, reitera a escola como espaço de encontros e experimentos comunicacionais, e este experimento, no iminente processo de aulas remotas e estudos domiciliares, deixa um grande aprendizado para a EEM Maria Marina Soares e seus sujeitos, além do ganho de possibilidades instrumentais para se trabalhar a Geografia escolar e as demais disciplinas curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das tecnologias digitais a partir da experiência vivenciada pelos professores da EEM Maria Marina Soares se intensifica e abre caminhos para novas práticas e olhares diante do ensino como um todo, e em específico, ao ensino de Geografia. Antes de tudo, é preciso constantemente avaliar, individual e coletivamente, se não se trata de velhos conteúdos em

novos meios de transmissão de informações. Não basta apenas discutir qual tecnologia é a mais adequada para se ensinar Geografia, é preciso refletir acerca de sua capacidade de promover uma ressignificação do saber geográfico sempre que se observar pertinente, dando-lhe sentido para a vida do aluno-sujeito, e se as ditas tecnologias são capazes de facilitar o alcance deste objetivo.

As tecnologias digitais, seja na sala de aula ou rompendo as paredes da escola precisam auxiliar o professor de Geografia na associação de teoria e prática, na oferta de ensino de qualidade e na aproximação com seu público, seja pela via da comunicação interpessoal, ou pela via do conhecimento científico, que está em constante transformação. Destarte, a experiência de um ensino remoto/virtual inaugura um momento de transição do modelo de educação que já conhecemos para o que poderemos vir a conhecer para além do experimental. Ao professor de Geografia, a novidade das tecnologias digitais mostra algo que não é tão novo: é preciso aprender a aprender e encarar os caminhos do desconhecido, mesmo que este não revele suas adversidades. Destarte, será a partir da criação de políticas públicas que garantam formação continuada voltada para a apropriação das tecnologias que o professor estará pronto para aquilo que se exigirá cada vez mais de sua prática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1978.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 15 out. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC versão final. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

CASTROGIOVANNI, A. C. Os movimentos a necessária inquietude do saber geográfico – novos desafios. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre – Compasso Lugar Cultura, 2013.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 2005.

FALCÃO SOBRINHO, J; COSTA FALCÃO, C. L. **Geografia Física: a natureza na pesquisa e no ensino.** Rio de Janeiro: TMAISOITO, 2008.

LACOSTE, Y. **A geografia** – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 19ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica.** 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos** – novos desafios e como chegar lá. 4 ed. Campinas: Papirus, 2009.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na Era Digital** – entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PPP. **Projeto Político Pedagógico.** EEM Maria Marina Soares. 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHÄFFER, N. O; KAERCHER, N. A. Leituras, escritas e falas para que a docência em Geografia faça diferença para nossos alunos. In: **Ler e escrever: compromisso no ensino médio.** PEREIRA, N. M. et al. (Org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIUE/UFRGS, 2008.

SOUZA, A. A. N.; SCHNEIDER, H. N. **Tecnologias Digitais na Formação Inicial Docente: articulações e reflexões com uso de redes sociais.** ETD Campinas-SP, v.18, n.2, p. 418-436, abr./jun. 2016.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade** – mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

STÜRMER, A. B. As TIC's nas escolas e os desafios no ensino de Geografia na educação básica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 3-12, dez. 2011.